

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

**MEMÓRIA**

**PAULO FREIRE, PEDAGOGO E EDUCADOR REVOLUCIONÁRIO**

# Morreu o professor

TEXTO DE JAMES ANHANGUERA (SERVIÇO LUSA/A CAPITAL)

**A**UTOR de um método para a alfabetização de adultos que hoje se utiliza em todo o mundo, exilado do seu país pela ditadura dos coronéis, admirado como um dos grandes pedagogos deste século, Paulo Freire morreu ontem, aos 76 anos de idade. Partiu sem que o sonho de ensinar a ler a todos os brasileiros fosse cumprido.

Lançar as bases para uma educação libertadora que contribua para formar a consciência crítica e estimular a participação responsável do indivíduo nos processos culturais, sociais, políticos e económicos.

Este foi o grande objectivo do educador brasileiro Paulo Freire ao formular o seu método de alfabetização de adultos, no início dos anos 60, cuja extraordinária repercussão internacional lhe valeu lugar assegurado na história da Educação.

«Contradizendo os métodos de alfabetização puramente mecânicos, projectávamos levar a termo uma alfabetização directa, ligada realmente a democratização da cultura (...), uma experiência susceptível de tornar compatíveis a existência do trabalhador e o material que lhe era oferecido para a aprendizagem», narra o pedagogo no seu livro «Pedagogia do Oprimido», com 17 edições no Brasil e que foi traduzido em outros tantos países.

«Só uma paciência muito grande é capaz de suportar, depois das dificuldades de uma jornada de trabalho, as lições que citam a asa: Pedro viu a asa. A asa é do pássaro», acrescenta.

**Sistema revolucionário**

O método Paulo Freire «não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensar-las segundo as exigências lógicas do discurso abstracto, simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder reexistenciar criticamente as palavras do seu mundo para, na oportunidade de devida, saber e poder dizer a palavra», refere, no mesmo trabalho.

Nos breves cursos de alfabetização de operários da

construção civil, por exemplo, os coordenadores – e não professores – dos chamados «círculos de cultura», que começaram a ser implantados em todo o Brasil há cerca de 35 anos, deveriam utilizar palavras escolhidas com os alunos tendo por base o léxico limitado do seu universo linguístico.

Desta forma, através do Movimento de Educação Popular, lançado durante o Governo do presidente João Goulart (1962-64) a partir de uma experiência-piloto realizada pela sua filha Magdalena em Angicos, pequena cidade costeira do Estado nordestino do Rio Grande do Norte, o Brasil – e o mundo subdesenvolvido – passou a desfrutar de um excelente instrumento de alfabetização de adultos no curtíssimo espaço de 45 dias.

**Ensinar os pobres**

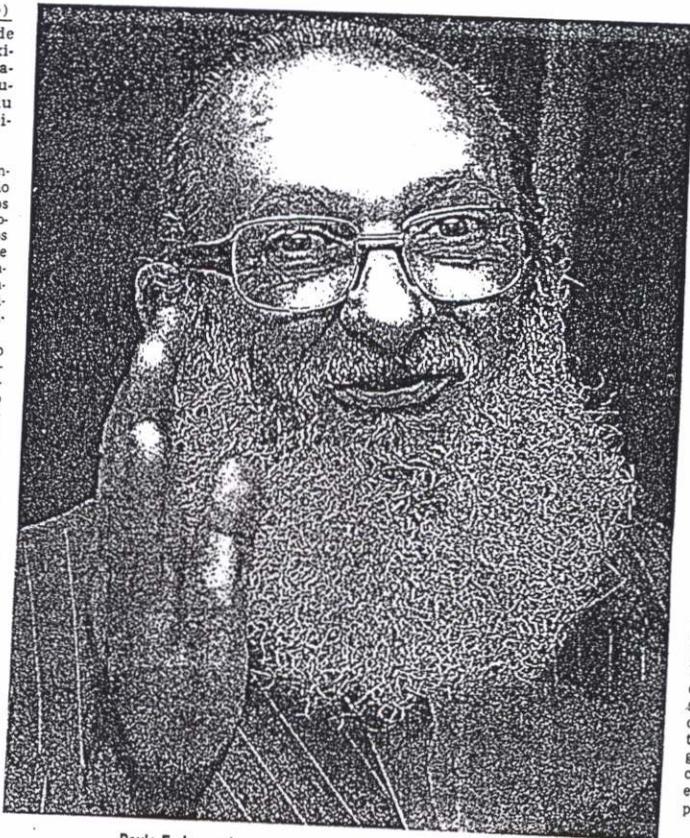
De origem humilde e sólida formação católica, Paulo Freire pretendia abolir do ensino no seu país o que classificou de concepção «bancária» da educação, na qual – como explica em «Pedagogia do Oprimido» – «o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber».

O seu método tinha por premissa básica apetrechar o analfabeto com os instrumentos para a leitura e a escrita, ao mesmo tempo em que dotava de condições para pensar o mundo à sua volta – de se «conscientizar» (consciencializar), de acordo com o «conceito central» do seu método: a «conscientização» (antitítulo de um outro dos seus mais de 20 ensaios).

No quinquénio em que, através de um programa apoiado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação e a Cultura), o método Paulo Freire foi aplicado no Chile, a taxa de analfabetismo naquele país caiu de cerca de 40 para cinco por cento.

**Exilado**

Bem pelo contrário, após o golpe que instaurou a ditadura militar no Brasil (1964-85), o método Paulo Freire foi substituído pelo Mobarl (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que reinstituiu a alfabetização pelo método tradicional de combinações vocábulares como «Ivo viu a uva», e que seria extinto pelos próprios algezes do regi-



Paulo Freire, pedagogo e autor de «A Pedagogia do Oprimido»

me castrense em virtude do seu notório insucesso.

Paulo Freire fora entretanto obrigado ao exílio, conside-

rado pelos militares – como afirma numa breve autobiografia publicada na introdução de «Conscientização: Teoria e Prática da Libertação», de 1980 – um «subversivo internacional» e um «traidor de Cristo e do povo brasileiro».

## A professorinha

A MEMÓRIA da sua primeira professora marcou Paulo Freire, que a ela se referia com uma ternura muito especial, utilizando a expressão «professorinha».

A jovem professora – que nunca se casou – manteve-se em contacto com Paulo Freire durante anos, mesmo enquanto a ditadura brasileira o obrigou ao exílio.

«Talvez isso tenha alguma relação com a abnegação, a amorosidade que a gente tem pela docência. E talvez ela tenha agido um pouco como eu: ao fazer da docência o meio da minha vida, eu termino transformando a docência no fim da minha vida», escreveu o pedagogo, muitos anos depois.

O retrato da «professorinha» foi traçado pelo próprio Paulo Freire, num texto inserido numa biografia da autoria da sua mulher, Ana Maria Araújo Freire.

«A primeira presença em meu aprendizado escolar que me causou impacto, e causa até hoje, foi uma jovem professorinha. É claro que eu uso esse termo, professorinha, com muito afecto. Chamava-se Eunice Vasconcelos (1909-1977), e foi com ela que eu aprendi a fazer o que ela chamava de «sentenças», lembra Paulo Freire.

«Eu já sabia ler e escrever quando cheguei à escolinha particular de Eunice, aos 6 anos. Era, portanto, a década de 20. Eu havia sido alfabetizado em casa, por minha mãe e meu pai, durante uma infância marcada por dificuldades financeiras, mas também por muita harmonia familiar – explica.

«Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal. Não houve ruptura alguma entre o novo mundo que era a escolinha de Eunice e o mundo das minhas primeiras experiências – o de minha velha casa do Recife, onde nasci, com suas salas, seu terraço, seu quintal cheio de árvores frondosas», recorda o educador.

«A minha alegria de viver, que me marca até hoje, se transferia de casa para a escola, ainda que cada uma tivesse suas características especiais. Isso porque a escola de Eunice não me amedrontava, não tohla minha curiosidade», conclui.

Desde o seu lançamento, segundo diferentes estudiosos da obra freireana e da política brasileira, os «coronéis» (caciques) políticos do seu país não viram com bons olhos um método que em muito pouco tempo deveria mudar radicalmente o perfil do eleitorado brasileiro.

Até 1988, os analfabetos não eram considerados aptos a votar no Brasil, pelo que, em 1960, apenas 15,5 dos 34,5 milhões de brasileiros maiores de idade tinham direito a voto.

A campanha de alfabetização e de «ascensão popular» estabelecida no plano de acção do Ministério da Educação e Cultura do Governo institucional de João Goulart para 1964 – ano da sublevação dos generais – previa a instalação em todo o país de 20 mil círculos de cultura, capazes de formar no mesmo ano cerca de dois milhões de alunos.

Hoje em dia, as estatísticas oficiais apontam para um índice de analfabetismo no Brasil da ordem dos 20 por cento, mas a maioria da população é semianalfabeta – e o que deverá contrariar bastante Paulo Freire – incapaz de insurgir-se contra o «voto do cabresto» (dado muitas vezes em troca de um mero par de sapatos, um pé antes, o outro depois dos sufrágios) imposto pelos «caciques» das regiões periféricas aos grandes centros político-económicos e dos «grandes sertões» do país.

**Pioneiro**

Paulo Freire, que nasceu em 1921, em Recife, e conta que na infância experimentou «que é a fome» e aprendeu a compreender «a fome dos demais», partiu da experiência inicial de professor de liceu de Português para criar o seu método, que aplicaria pela primeira vez em 1961, no Movimento de Cultura Popular da sua cidade natal, de que foi um dos fundadores.

Banido da vida cultural e política do seu país por quase 20 anos, só voltaria a ocupar um cargo de relevo em 1989, quando foi convidado pela então prefeita (equivalente a presidente da câmara) de São Paulo, Luiza Erundina, do Partido dos Trabalhadores (PT), para a chefia da Secretaria do maior município brasileiro.

Demitiu-se do cargo cerca de dois anos depois, em protesto contra a falta de verbas para a execução dos seus projectos – no que foi considerado mais um acto de independência política do que era tido entre os seus pares e discípulos como um verdadeiro «apóstolo» da «educação libertadora».